



Ingrid Gerolimich é graduada em Ciências Sociais pela UERJ, onde fez também uma pós-graduação *lato sensu* em Engenharia de Produção. É mestre em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento pelo Instituto de Economia da UFRJ. Trabalhou na formulação de políticas públicas nas áreas de Meio-Ambiente e Segurança Pública. Atua hoje como entrevistadora na revista *Fórum*.

EMAIL

ingridgerolimich@gmail.com

1) Por que você escolheu cursar Ciências Sociais? E por que escolheu a UERJ?

Escolhi cursar Ciências Sociais porque desde o Ensino Médio eram as matérias de humanas as que mais me interessavam. Conhecer a nossa história enquanto humanidade, buscar compreensão sobre a nossa existência, nossas ações e como nos organizamos em sociedade sempre foi uma busca desde a adolescência. E foi também na adolescência que iniciei minha participação em movimentos estudantis que contestavam o modelo educacional e político vigente. Adentrar neste universo reforçou ainda mais o desejo por buscar entender como nos constituímos enquanto corpos que, para além de sujeitos, são também políticos.

Também escolhi Ciências Sociais porque queria trabalhar em organizações não governamentais e projetos que envolvessem políticas públicas. E naquele momento me parecia ser a melhor escolha, diante das referências de profissionais com que tive contato. Além disso, as Ciências Sociais me apresentavam a possibilidade de uma visão mais abrangente comparada a outros cursos com recortes mais focados em temas específicos.

Quanto à escolha da UERJ, posso apontar até mais de uma razão: de todas as universidades públicas do país a UERJ foi a primeira a implementar a política de cotas em processos seletivos para os cursos de graduação e, apesar de não ter sido aluna cotista, entendia a importância desse feito para que os primeiros passos fossem dados no sentido de tornar o ensino superior no país mais democrático e inclusivo. Fui aluna de escolas públicas por toda a minha vida e por isso sei bem o quanto os alunos das escolas públicas seguem em desvantagem em relação aos alunos das escolas particulares na hora de prestar o vestibular.

Neste sentido, a UERJ sempre me pareceu ser um ambiente acadêmico mais acolhedor e democrático para alunas e alunos de escolas públicas, negras e negros, moradores de áreas pobres e periféricas do estado. Como moradora de Anchieta, último bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro, na divisa com a Baixada Fluminense, e estudante de escola pública da FAETEC, na UERJ era como se me sentisse em casa, eu me reconhecia ali.

2) Que idade você tinha ao começar a graduação em Ciências Sociais? Teve outras experiências profissionais (prévias ou paralelas à graduação)?

Iniciei a graduação aos 21 anos e antes e durante tive algumas experiências profissionais, pois como venho de

uma família pobre, não tive a oportunidade de realizar a graduação sem precisar trabalhar.

Meu primeiro emprego foi até bastante atípico para uma jovem de 18 anos, porque foi resultado da minha atuação como Coordenadora Geral da Associação Municipal dos Estudantes Secundaristas (AMES) no movimento pelo adiamento do vestibular da UERJ por conta da greve naquele período nas escolas federais do estado. Por conta disso, recebi o convite para assumir a Coordenadoria de Juventude do Governo do Estado do Rio de Janeiro, na gestão da governadora Benedita da Silva.

Após o curto período em que Benedita da Silva foi governadora (um governo de nove meses), fui convidada para um trabalho temporário em uma ONG em Oxford, na Inglaterra, onde trabalhei por um ano. Durante este período fiz dois cursos de extensão de seis meses em Desenvolvimento Global e Regional na University of London.

Durante a graduação, trabalhei como coordenadora do núcleo Complexo da Maré da ONG Ação Comunitária do Brasil e também na Secretaria de Habitação da Prefeitura do Rio de Janeiro em projeto do Banco Mundial. Após este período, também pelo Banco Mundial, trabalhei no Programa de Proteção das Florestas Tropicais (PPG7), em parceria com o Ministério do Meio Ambiente.

3) Como essa escolha se situa em relação às trajetórias profissionais da sua família? Quais as profissões exercidas por seus avós, pais e irmãos? Como sua escolha foi vista?

Meus avós não fizeram faculdade, trabalhavam como comerciantes e eram filhos de imigrantes italianos e portugueses. Minha mãe é advogada, concluiu os estudos com muita dificuldade após o falecimento do meu avô, já meu pai é professor de história e, como irmão mais velho, exerceu certa influência sobre seus irmãos mais novos, que também se tornaram professores, de história e geografia. Meu irmão é geógrafo e minha irmã designer.

A minha escolha não foi vista como atípica ou com preocupação, pude exercê-la com liberdade no meu ambiente familiar.

4) Quais conceitos, teses ou ideias você destacaria como marcantes ao longo da graduação? Por que?

Posso dizer que segui uma linha de pensamento marxista ao longo da graduação. O conceito de luta de classes, a ideia de que a história é marcada pela luta material, baseada na produção, entre classes

antagônicas sempre fez sentido para mim. Portanto, concordo com a tese de uma análise sociológica baseada numa visão materialista e histórica, o chamado materialismo histórico defendido por Marx.

Outro autor que exerceu forte influência sobre mim ao longo da graduação foi Michel Foucault, com sua teoria sobre como a sociedade exerce o poder através das instituições, escolas e prisões, por exemplo, como forma de dominar o comportamento humano. Foucault, neste sentido, foi além de Marx no que diz respeito a avançar mais sobre temas inerentes a uma pretensa subjetividade humana que, na verdade, diz respeito a um modelo de sociedade pensado com o intuito de, como ele mesmo chama em seu livro, vigiar e punir, mantendo assim o estado das coisas e as relações de poder desiguais. Por isso acho tão importante o aprofundamento do estudo da micropolítica, pois é ela que molda e solidifica essas estruturas de poder.

5) Pode nos contar sua trajetória profissional após a graduação?

Após a graduação, trabalhei no Ministério do Meio Ambiente, como assessora do Ministro do Meio Ambiente na época, Carlos Minc, até 2010. Depois disso, fui convidada para assumir a Superintendência de Território e Cidadania da Secretaria de Estado do Ambiente do Rio de Janeiro, onde tive a oportunidade de implementar projetos que envolviam capacitação profissional e desenvolvimento sustentável em dezenas de favelas do estado. Foram milhares de jovens atendidos em projetos de moda sustentável, reflorestamento e produção de mudas, culinária de aproveitamento integral, entre outros. Tais projetos receberam prêmios importantes como o do R-20, Regions Climate Action, uma organização fundada pelo ex governador da Califórnia, Arnold Schwarzenegger, em parceria com a ONU. Além disso, estes projetos foram replicados em países como Guatemala e Angola, onde fui pessoalmente ministrar cursos e palestras.

Também trabalhei na Comissão de Meio Ambiente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), onde fui responsável por escrever, entre outras, a lei 8353/2019, que cria os Distritos Sustentáveis, Circulares e Criativos no Estado do Rio de Janeiro.

Também na ALERJ, participei da Comissão de Inquérito Parlamentar (CPI) sobre desvios de armas e munições de órgãos de polícia militar e civil e corpo de bombeiros do Estado do Rio. Pela minha atuação em temas de segurança, também fui responsável por escrever a lei

8186/18, que cria a Política Estadual de Controle de Armas e Munições do Estado do Rio de Janeiro, além do projeto de lei que cria o Instituto de Pesquisa em Ciências Forenses - Rio Forense.

Hoje, também atuo como entrevistadora da Revista Fórum, onde entrevisto personagens da política brasileira no campo da centro esquerda como Fernando Haddad, Guilherme Boulos, Manuela d'Ávila, Eduardo Moreira, entre outros.

Como continuidade de estudo, realizei uma pós-graduação em Engenharia de Produção também na UERJ e um mestrado em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento pelo Instituto de Economia da UFRJ. Estas escolhas se deram pelo fato de que, como o meu intuito de exercer a minha profissão sempre se deu mais no campo das políticas públicas do que no campo acadêmico, acreditei ser importante desenvolver minhas competências também no campo da gestão, de forma que pudesse unificar estes dois saberes para a aplicação de projetos que de fato gerassem um impacto na vida daqueles que são os receptores das políticas de estado.

Acho muito importante que, como buscadores do saber, tenhamos sempre em mente a importância de transformar o que aprendemos em algo que possa de alguma forma promover algum impacto positivo na comunidade e sociedade em que vivemos. Neste sentido, a formação tanto em engenharia de produção como em políticas públicas me proporcionou este olhar da práxis que é tão importante.

6) De que forma as Ciências Sociais estão presentes na sua atuação profissional?

As Ciências Sociais estão presentes em todos os estágios da minha atuação profissional, pois elas me proporcionaram uma formação sólida e ao mesmo tempo holística, capaz de me possibilitar atuar nas mais diversas frentes de maneira crítica. Sinto-me preparada para atuar no campo da política, das relações internacionais, da história, da economia. E, como não podemos dissociar nossa atuação profissional da nossa vida pessoal, acredito que a minha formação em Ciências Sociais ampliou minha capacidade de análise e percepção do mundo à minha volta e de aspectos da minha própria subjetividade, fazendo de mim um ser humano mais desperto para as questões que fazem parte da nossa vida enquanto seres coletivos que somos.

Entrevista concedida em 19 de julho de 2020.